

## **Fotojornalismo e Povos Indígenas: Análise crítica das coberturas do Jornal online O Globo sobre a PEC 215.<sup>1</sup>**

Danilo SOUZA<sup>2</sup>  
HyarllaWany PEREIRA<sup>3</sup>  
Letícia FIGUEIREDO<sup>4</sup>  
Cecílio BASTOS<sup>5</sup>

UNEB- Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

### **RESUMO**

Este artigo analisa algumas matérias relacionadas a coberturas fotográficas de conflitos por demarcações de terras indígenas, publicadas pelo jornal online O Globo - que é um dos maiores veículos de comunicação no País - entre o dia 1 de novembro e 31 de dezembro do ano de 2015, com base nas teorias de análise de imagem/fotografia de Martine Joly (1996), fotojornalismo de Boris Kossoy (2009) e teoria do enquadramento de Mauro Wolf (2008). Temos por objetivos verificar como tal veículo pauta o assunto, uma vez que este é um tema de importância nacional, levando em conta que o direito a terra é negado historicamente ao povo indígena.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fotojornalismo; teoria da imagem; enquadramento; demarcação de terra.

### **INTRODUÇÃO À PROBLEMÁTICA**

Demarcar o território indígena significa devolver a esse povo o direito sobre aquilo que a centenas de anos lhe foi negado: sua terra. Uma vez que apenas ocupar o espaço de chão não é suficiente, é preciso que, a partir de requisitos técnicos e legais sejam reconhecidas. Essa ação, segundo a FUNAI (Fundação Nacional do Índio), configura-se como defesa de direito originário, autóctone, não podendo ser confundida com o conceito de propriedade privada.

O processo de demarcação que é o meio judicial através do qual se definem os contornos e limites do território ocupado pelos indígenas, é regulamentado pelo Decreto nº

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

<sup>2</sup> Estudante do 5º. Semestre do curso Comunicação Social-Jornalismo em multimeios, e-mail: danilosouzasantos2013@gmail.com

<sup>3</sup> Estudante do 5º. Semestre do curso Comunicação Social-Jornalismo em multimeios, e-mail: hyarllawanny@gmail.com

<sup>4</sup> Estudante do 5º. Semestre do curso Comunicação Social-Jornalismo em multimeios, e-mail: leticiaflandim@gmail.com

<sup>5</sup> Orientador do trabalho. Professor do curso Comunicação social-jornalismo em multimeios, e-mail: cecilioricardo@gmail.com

1775/96<sup>6</sup>, presente na Constituição de 1988, e atualmente existem 462 propriedades indígenas regularizadas no Brasil. É necessário que haja antes uma série de estudos e pesquisas antropológicas geográficas, ambientais- entre outras, para que seja homologado o processo de demarcação de terras. A Pesquisa, a identificação e delimitação desse território é feita pela FUNAI, que desde 1967, quando foi criada, por meio da Lei nº 5.371, vem trabalhando na missão de proteger e impelir os direitos da população indígena, além de desenvolver políticas voltadas para o desenvolvimento desses povos.

Sabe-se que um dos maiores conflitos existentes no Brasil, é a luta por terra, principalmente quando se pensa no Amazonas, região que segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística<sup>7</sup> comporta o maior índice de propriedades indígenas, e que é vista como fonte de recursos naturais do Brasil, o que aguça ainda mais os sentidos exploratórios de latifundiários, empresas, associações de agricultores e etc, que veem seus interesses satisfeitos nessas terras através da apropriação e exploração do meio de forma inapropriada. Essa Expugnação da Amazônia acarretou uma sequência de conflitos fundiários, nos quais muitos indígenas morreram e continuam a morrer. Acirra-se assim, o embate.

É papel dos veículos de comunicação efetivar o básico daquilo a que se propõe fazer: Informar/comunicar. Entendendo que a mídia tem um poder de criminalização ou de heroicidade, buscamos encontrar nas fotografias os pontos chave para a construção da imagem da realidade, que pode ser real ou não.

Sabe-se que o visual tem um poder persuasivo muito grande dentro da comunicação, e assim como toda imagem, a fotografia não é nula e ganha um papel de construção e/ou desconstrução a cerca de um determinado assunto/ acontecimento. Conta uma história, que, tanto quanto qualquer outra tem vários ângulos. E o que nos é apresentado, é a perspectiva qual o veículo comunicativo quer que absorvamos como verdadeira. O processo de captura da fotografia é uma construção que vai desde o olhar do fotógrafo, ao clique final.

Buscamos através desse artigo analisar como o jornal online O Globo<sup>8</sup>, que é um dos maiores veículos de comunicação do Brasil, tratou, fotojornalisticamente falando, as questões de demarcações das terras indígenas: como o veículo aborda o assunto e que papel

---

<sup>6</sup> Decreto nº 1.775 de 08 de Janeiro de 1996. Dispõe sobre o procedimento administrativo de demarcação das terras indígenas e dá outras providências.

<sup>7</sup> Segundo o censo realizado 2015 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os Povos Indígenas estão presentes nas cinco regiões do Brasil, sendo que a região Norte é aquela que concentra o maior número de indivíduos, 342,8 mil, e o menor no Sul, 78,8 mil. Do total de indígenas no País, 502.783 vivem na zona rural e 315.180 habitam as zonas urbanas brasileiras.

<sup>8</sup> <http://oglobo.globo.com/>

elas recebem neste meio. Para isso, foram minuciadas fotografias de cinco matérias veiculadas durante os meses de novembro e dezembro de 2015, período em que mais foi noticiada as manifestações desses povos após a aprovação da PEC 215, no dia 27 de outubro do mesmo ano.

O Globo foi fundado em 29 de julho de 1925 no Rio de Janeiro, por Irineu Marinho, que faleceu poucos dias depois do lançamento do jornal, passando o comando para seu primogênito Roberto Marinho, que nomeou o jornalista Eurycles de Matos, amigo da família, como controlador efetivo do jornal. Somente em 1931, com a morte de Eurycles, foi que Roberto Marinho assumiu o controle.

Foi o veículo de maior circulação no país entre os anos 1930 e 1980. No ano de 1996, a versão digital foi lançada, o jornal que era impresso, agora também seria online. Ultimamente, não trata-se somente de um jornal, mas o maior conglomerado de comunicação da América Latina, sob concessão da família Marinho, que além do impresso, possui a Rede Globo de Televisão, Rádios, revistas e cresce no âmbito virtual.

Para alcançarmos os objetivos deste artigo aplicaremos as análises de teorias da imagem e a teoria do enquadramento nas coberturas foto jornalísticas de conflitos de demarcações de terras dos povos indígenas do jornal online O Globo, uma vez que as teorias da imagem nos possibilita desvendar os elementos constitutivos da imagem fotográfica, desde sua criação à sua veiculação, e a teoria do enquadramento nos permite mostrar como um mesmo assunto pode ser pautado de diversas maneiras.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

O processo de evolução da fotografia decorre da história da origem das imagens, inicialmente das pinturas rupestres produzidas pelo homem na época mais antiga do período paleolítico. Segundo os estudos de Marshall McLuhan (1911-1980), a imagem/a iconografia tem o poder de driblar as fronteiras nacionais e as barreiras culturais que envolvem o homem e a sociedade da qual ele pertence, possibilitando uma cultura literária imagética e dessa forma a imagem torna-se um dos primeiros instrumentos de comunicação.

A definição de imagem não é algo simplista, pelo contrário, carrega em si diversas significações, tornando seu sentido cada vez mais amplo. Mas apesar da diversidade de significados, de seus usos e entendimentos, todos conseguem reconhecer ao menos uma representação imagética. Martine Joly diz que a imagem:

embora nem sempre remeta ao visível, toma alguns traços emprestados do visual e, de qualquer modo, depende da produção de um sujeito: imaginária ou concreta, a imagem passa por alguém que a produz ou reconhece (JOLY,1996, p. 13).

Produzir imagens é mais do que concretizá-las, é esquematizar, organizar, criar e executar. É nesse sentido da materialização da criação que surgiram ao longo dos tempos diversas técnicas de expressão da imagem, como a evolução da captação pictórica para a fotografia, mecanismo esse, criado a partir de emulações químicas como a primeira máquina fotográfica em 1837, o *Daguerreótipo*, desenvolvido por Louis Daguerre, que funcionava a partir de uma placa de prata sensibilizada com o vapor de iodo.<sup>9</sup>

Na década de 50 do século XIX a prática fotográfica já poderia ser exercida fora de estúdios ou ambientes discretos, já que, alguns avanços técnicos possibilitaram que alguns fotojornalistas/fotógrafos pudessem registrar grandes eventos em qualquer lugar, como exemplo, a documentação imagética da Guerra da Criméia (1854-55)- a primeira cobertura fotojornalística de guerra- feita por Roger Fenton, que é considerado o primeiro repórter fotográfico. A fotografia então passou a ser utilizada como uma ferramenta capaz de capturar o momento exato de um fato, uma possível construção fiel da realidade.

Mesmo com as evoluções de técnicas e equipamentos fotográficos, a fotografia ainda sofria algumas limitações, como a existência de grandes planos, falta de proximidade e de profundidade de campo, baixa definição, dentre outras características. Diante disso, cada fotógrafo desenvolvia seus métodos para trabalho, como o fotojornalista renomado Robert Capa (1913-1954) que criou a máxima de que “Se tua fotografia não é boa, é porque tu não estavas suficientemente perto”.

O aumento nas vendas, investimentos, divulgação, popularização e acesso aos meios fotográficos fizeram com que a captura imagética deste meio ganhasse cada vez mais força na área jornalística, fato esse que promove muitos debates a cerca do papel do fotojornalismo na sociedade. Segundo Jorge Pedro Sousa:

O fotojornalista não apenas reporta as notícias, como também as ‘cria’: as (foto) notícias são um artefato construído por força de mecanismos pessoais, sociais (incluindo econômicos), ideológicos, históricos, culturais e tecnológicos. (SOUSA, 2004, p.23)

---

<sup>9</sup> <http://www.infoescola.com/fotografia/daguerreotipo/>

Traçando uma perspectiva histórica, em meados de 1920-30, o fotojornalismo percorreu alguns caminhos, como, a experimentação do olhar, evolução tecnológica, humanização, proximidade com a cena e o surgimento de agências- que organizava e distribuía o trabalho do fotojornalista-. Em seguida por volta de 1960/80 o sensacionalismo e espetacularização ganharam visibilidade nesse cenário e de 1990 para os anos 2000, eis que surgem tecnologias digitais e um maior design gráfico.

O registro mais antigo aponta que a fotografia teria chegado ao Brasil em 1824, quando o pintor e naturalista francês Antoine Hercules Romuald Florence realizou várias invenções e experimentos em relação à fotografia. Sem saber dos avanços tecnológicos que aconteciam no mundo, Florence inventou o seu próprio meio de impressão ao qual inicialmente deu o nome de Polygraphie. Apontado como o pioneiro da fotografia no Brasil, o artista realizou pesquisas e descobriu novas possibilidades de reproduzir imagens pela luz do sol, começando assim a utilizar câmeras escuras com uma chapa de vidro e papel sensibilizado para a impressão por contato, o que na época foi chamado de Photographie.

Na transição de uma década para outra, surgem no Brasil outros nomes que contribuíram decisivamente para o desenvolvimento da fotografia. Era o início dos anos 1840, quando o abade francês Louis Compté e o Imperador Dom Pedro II comportavam os primeiros daguerreótipos, ambos comprados na França, os equipamentos já registravam as primeiras impressões sobre o Brasil. É importante destacar que nesse período a fotografia servia apenas como registro documental, e que os avanços estéticos só viriam cem anos depois.

Foi por volta de 1940 que a fotografia passou por uma importante evolução, com a modernidade, avanços tecnológicos e experimentações com artes plásticas, iniciava ali um *boom* da fotografia no Brasil. Também entre os períodos de 1940-50, dar-se início com as primeiras fotorreportagens no Brasil, a produção do fotojornalismo em revistas e jornais como O Cruzeiro, Manchete e Última Hora.

A história do fotojornalismo é marcada por tensões e rupturas como apontou Jorge Pedro de Sousa em *Uma história crítica do fotojornalismo Ocidental*.

(...) uma história do aparecimento, superação e rompimento das rotinas e convenções profissionais, uma história de oposições entre a busca da objetividade e subjetividade de um ponto de vista, entre realismo e outras formas de expressão, entre o matizado e o contraste, entre o valor noticioso e a estética. (SOUSA, 2004, p 14).

Trabalhando com a premissa de que a fotografia é de suma importância para a reconstituição histórica, autores como Boris Kossoy e Martine Joly, dedicaram alguns estudos para a análise dessa ferramenta documental que tem como papel cultural a capacidade de emocionar, informar, denunciar e até mesmo de manipulação. Para interpretar uma fotografia, é necessária uma desmontagem da mesma, uma vez que a imagem fotográfica é um somatório de construções e é concebida a partir de um valor- Criação+ Construção técnica, cultural e estético-.

É necessário pontuar que o registro iconográfico é uma representação a partir do real, um testemunho da verdade, mas não é a verdade propriamente dita, além disso, às vezes há uma complexidade epistemológica acerca de tal arquivo e as imagens são por si só, polissêmicas. Para Boris Kossoy, a investigação fotográfica pode ser feita por uma ‘Análise iconográfica’ que é uma arqueologia da foto/documento- assunto, lugar, época, decodificação-, reconstituição- fotografo, tecnologia, detalhes- e ‘Interpretação Iconológica’ que está ligada a decifração da realidade interior, sua face oculta-1ª realidade-.

Para além de compreender o processo de desmontagem da imagem, é imprescindível entender o poder da fotografia no jornalismo veiculado nos meios de comunicação, Martine Joly discorre que:

(...) fotografias de imprensa: supostamente, deveriam ter uma função referencial, cognitiva, mas na realidade, situam-se entre a função referencial e a função expressiva ou emotiva. Uma foto de reportagem testemunha bem uma certa realidade, mas também revela a personalidade, as escolhas, a sensibilidade do fotógrafo que a assina. (JOLY, 1996, p.58)

No fotojornalismo também podemos observar a teoria do enquadramento -framing- que pertence às teorias da comunicação, e está ligada ao enfoque da mídia acerca de determinados assuntos, que pode veicular grandiosamente algum conteúdo ou até mesmo ocultá-lo. Em prol disso, existem alguns critérios de seleção que são responsáveis pela elaboração e difusão da notícia, os medias noticiosos tem o papel de pensar em como essas informações chegarão ao público.

Vale ressaltar que o exercício da teoria do enquadramento, na maioria das vezes está interligado com ideologias políticas/culturais/religiosas da empresa que elabora o produto jornalístico. Através dessa teoria fica visível o poder de seleção da mídia, além disso, as notícias causam impactos diferenciados aos receptores, que decodificam sua mensagem, esse processo também se dá ao fotojornalismo.

Os autores Rogério Christofolletti e Luiz Gonzaga Motta (2008), discorrem em *Observatórios de mídia - Olhares da cidadania*, “que os meios de comunicação funcionam



como extensões dos sentidos do homem comum” (p. 79). Dessa forma, pode-se afirmar que os fotojornalistas repassam a sociedade parcelas de suas visões de mundo. Convivendo diariamente com o desafio de emprestar seu olhar aos consumidores da informação, esses geradores de conteúdos são também responsáveis pela propagação de ideologias e posicionamentos. “Os diversos olhares, as mais distintas maneiras de se projetar para as coisas, sinalizam modalidades de apreensão dos planos do real” (p. 78).

## ANÁLISE

Para esse estudo, analisaremos cinco matérias acerca de manifestações e luta pelos direitos de demarcação de terras indígenas do jornal online O Globo, datadas do início de Novembro ao final de Dezembro de 2015. É notável que o veículo averiguado aborda o assunto, mas não é recorrente e é apenas de teor informacional sem aprofundamento as fotografias ganham mais visibilidade que o texto, por se tratar de um recurso visual que atrai a atenção dos leitores.

Essa afirmação pode ser conferida na tabela abaixo:

Matéria: Índios protestam no Congresso por demarcação de terras.<sup>10</sup>

<p>Imagem 01 - Legenda: Índios Kayapós, do Sul do Pará e do Mato Grosso, protestaram nesta quarta-feira no Congresso contra a Proposta da Emenda Constitucional (PEC) 215, que transfere para o Congresso a competência para demarcação de terras indígenas.          Fotógrafo: Michel Filho  <b>Agência O Globo</b> (04/11/2015)</p>	
<p>Imagem 02 - Legenda: De acordo com a assessoria do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), cerca de 100 índios participam do ato na chapelaria do Congresso e na entrada lateral do Senado I.          Fotógrafo: Michel Filho  <b>Agência O Globo</b> (04/11/2015)</p>	

<sup>10</sup>BRAGA, Isabel. Índios protestam no Congresso por demarcação de terras. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/indios-protestam-no-congresso-por-demarcacao-de-terras-17960913>>. Acesso em: 23 abr, 2016.

<p>Imagem 03 - Legenda: A PEC, aprovada na semana passada em uma comissão especial, seguiu para câmara dos Deputados.          Fotógrafo: Michel Filho  <b>Agência O Globo</b> (04/11/2015)</p>	
<p>Imagem 04 - Legenda: Policiais legislativos acompanharam a manifestação, que não registrou o incidente.          Fotógrafo: Michel Filho  <b>Agência O Globo</b> (04/11/2015)</p>	
<p>Imagem 05 - Legenda: O grupo chegou em Brasília nesta terça-feira em dois ônibus. Outros ônibus devem vir com índios do Mato Grosso nos próximos dias, segundo o Conselho Indigenista Missionário (CIMI).          Fotógrafo: Michel Filho  <b>Agência O Globo</b> (04/11/2015)</p>	
<p>Imagem 06 - Legenda: De acordo com o CIMI, o protesto busca mostrar o sentimento de traição com a aprovação da PEC sem que houvesse consenso entre todos os envolvidos.          Fotógrafo: Michel Filho  <b>Agência O Globo</b> (04/11/2015)</p>	
<p>Imagem 07 - Legenda: O presidente da Câmara, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), recebeu em seu gabinete os índios. Por causa do Protesto, o deputado entrou pelo anexo 1 da casa.          Fotógrafo: Givaldo Barbosa  <b>Agência O Globo</b> (04/11/2015)</p>	

Matéria: Alerta contra mudança em regra de demarcação. Pressão dos ruralistas pode aumentar se o Congresso puder homologar terras.<sup>11</sup>

<sup>11</sup>CASTRO, Juliana. Índios entram em alerta contra mudança em regra de demarcação. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/indiosentramemalertacontramudancaemregradedemarcacao18058559>>. Acesso em 23 abr.2016.





<p>Imagem 08 - Legenda: Uma Proposta de Emenda à Constituição (PEC), aprovada numa comissão especial, muda a homologação da demarcação das terras indígenas.          Fotógrafo: Guito Moreto  <b>Agência O Globo</b> (16/11/2015)</p>	
<p>Imagem 09 - Legenda: Hoje, a homologação fica a cargo do presidente da República. A proposta aprovada dá esse poder ao Congresso.          Fotógrafo: Guito Moreto  <b>Agência O Globo</b> (16/11/2015)</p>	
<p>Imagem 10 - Legenda: O Estado do Rio tem quatro aldeias que podem ser afetadas se a PEC for aprovada no Congresso, entre elas a Ltaxe Mirim, em Paraty-Mirim.          Fotógrafo: Guito Moreto  <b>Agência O Globo</b> (16/11/2015)</p>	
<p>Imagem 11 - Legenda: A aldeia em Paraty-Mirim, em Paraty, é demarcada desde 1996, quando havia apenas cinco famílias no local.          Fotógrafo: Guito Moreto  <b>Agência O Globo</b> (16/11/2015)</p>	
<p>Imagem 12 - Legenda: Atualmente, a aldeia tem 48 famílias. Por isso, a tribo solicitou o aumento da demarcação há três anos. A PEC prevê que terras já demarcadas não poderão ser aumentadas.          Fotógrafo: Guito Moreto  <b>Agência O Globo</b> (16/11/2015)</p>	
<p>Imagem 13 - Legenda: As quatro tribos do Estado do Rio que tentam a homologação da demarcação são de Paraty, no Norte Fluminense.          Fotógrafo: Guito Moreto  <b>Agência O Globo</b> (16/11/2015)</p>	

<p>Imagem 14 - Legenda: As quatro ainda estão em fase de estudo, primeira etapa até pleitear regularizar a demarcação.          Fotógrafo: Guito Moreto  <b>Agência O Globo</b> (16/11/2015)</p>	
<p>Imagem 15 - Legenda: Ivanilde Pereira da Silva é líder indígena na aldeia em Paraty-Mirim e se comunica com outras tribos pela internet para se organizar contra a PEC 215.          Fotógrafo: Guito Moreto  <b>Agência O Globo</b> (16/11/2015)</p>	
<p>Imagem 16 - Legenda: Os índios do Rio planejam uma ida à Brasília para protestar contra a PEC.          Fotógrafo: Guito Moreto  <b>Agência O Globo</b> (16/11/2015)</p>	
<p>Imagem 17 - Legenda: A aldeia Tekoha Jevi fica no meio da Serra da Bocaia, em Paraty, está na fase de estudo desde 2008.          Fotógrafo: Guito Moreto  <b>Agência O Globo</b> (16/11/2015)</p>	
<p>Imagem 18 - Legenda: Preservação. Aldeia Intaxe Mirim, às margens da Rodovia Paraty: exemplo de luta para manter cultura indígena.          Fotógrafo: Guito Moreto  <b>Agência O Globo</b> (16/11/2015)</p>	

Matéria: Ruralistas dominam postos de comando da CPI da FUNAI e do INCRA<sup>12</sup>


<sup>12</sup> MOURA, Jéssica. Ruralistas dominam postos de comando da CPI da FUNAI e do INCRA. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/ruralistasdominampostosdecomandodacpidafunaidoincra18073741>>. Acesso em: 23 abr, 2016.

<p>Imagem 19 - Legenda: Índios de várias tribos participam da CPI da Funai e Incr a. Fotógrafo: Michel Filho <b>Agência O Globo</b> (17/11/2015)</p>	
<p>Imagem 20 - Legenda: CPI da Funai e Inkra foi criada pela bancada ruralista par a analisar demarcação de terras. Fotógrafo: Michel Filho <b>Agência O Globo</b> (17/11/2015)</p>	

Matéria: Índios na PGR contra a transferência de demarcação de terras para o Congresso<sup>13</sup>

<p>Imagem 21 - Sem legenda Fotógrafo: Gilvado Filho <b>Agência O Globo</b> (18/11/2015)</p>	
---	---

Matéria: Índios fecham avenida em manifestação próxima ao Planalto.<sup>14</sup>

<p>Imagem 22 - Legenda: Indígenas em protesto que fechou trecho do Eixo Monumental, em Brasília. Fotógrafo: Michel Filho <b>Agência O Globo</b> (10/12/2015)</p>	
--	--

As sequências de imagens apresentadas na matéria do dia 4 de novembro de 2015 (imagens de 01 a 07) retratam o momento em que um grupo de indígenas foi ao Congresso

<sup>13</sup> AMADO, Guilherme. Índios na PGR contra transferência de demarcação de terras para o Congresso. Disponível em: <<http://blogs.oglobo.globo.com/laurojardim/post/indiosnapgrcontramudancaquetransferedemarcacaodeterrasparao-congresso.html>>. Acesso em: 23 abr, 2016.

<sup>14</sup> O Globo. Índios fecham avenida em manifestação próxima ao planalto. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/indiosfechamavenidaemmanifestacaoproximaaoplanalto18263026>>. Acesso em: 23 abr, 2016.

protestar contra a aprovação da PEC 2015, que transfere a competência das demarcações de terra do executivo para o legislativo, porém ao analisarmos as imagens e conferirmos a elas uma leitura, é notável a passividade com qual a manifestação foi retratada, uma vez que a “ação” no sentido brusco da palavra, não é perceptível, ou seja, dificultando o entendimento caso desvinculadas do suporte verbal. É comum encontrar matérias e fotografias que esteriotipizam a luta indígena, retratando-os como *baderneiro* ou causadores da desordem, o que não acontece na matéria analisada.

Partindo da leitura dos elementos humanos, pode-se encontrar imagens posadas, nas quais movimentos de ação não se fazem presente, índios - de todas as idades - não demonstram reação à situação, uns dormem, outros muito pacificamente olham para o horizonte. O fotógrafo construiu uma “realidade” de passividade, cordialidade, e de paciência ao colocar um grupo que historicamente protagonizou lutas em defesa da terra e da preservação da cultura.

A segunda matéria, datada do dia 16 de novembro de 2015 (imagens de 08 a 18), traz uma sequência de registros do dia-a-dia de uma comunidade indígena, Paraty-Mirim, em Paraty, demarcada desde 1996. A sequência traz momentos de lazer, descontração, atividades de preservação da cultura – pintura corporal, construção de ocas. As imagens constroem uma narrativa ainda bem conservadora do que é uma aldeia em pleno século XXI; o fotógrafo desprezou aspectos tidos como mais importantes para esse tipo de abordagem, a luta pela terra.

Os ângulos e os planos utilizados capturaram os elementos em sua forma mais romantizada e cordial. É importante destacar que o que está sendo analisado aqui não é a conduta ou emotividade das pessoas retratadas, mas sim como os mesmos foram fotografados e como esse registro pode comprometer a informação principal e mais importante.

Podemos ainda destacar outra leitura para as fotografias da segunda matéria se considerarmos que seu papel, além de informar e demonstrar, seria causar uma sensibilização aos leitores do jornal online, O Globo, a partir das várias crianças retratadas. Com olhos brilhantes e semblantes inocente, eles brincam e trazem ação para as fotos, numa sequência de dez imagens apenas duas não retratam crianças.

A matéria, *Ruralistas dominam postos de comando da CPI da FUNAI e do INCRA*, publicada em 17 de novembro de 2015 (imagens 19 e 20) no jornal online O Globo, traz duas fotografias de muito peso para o enriquecimento do conteúdo, as fotos são registros

feitos nas dependências do Congresso nacional. A primeira mostra seis índios de costas para parede na qual contém alguns retratos de parlamentares. A problemática da foto talvez seja os rostos presentes na imagem. Levando em conta de que o Congresso nacional é composto por 513 deputados e que esses na sua grande maioria não são de etnia indígena, ou melhor, são brancos e descendentes de grandes famílias que ainda estão no poder. A foto em questão traz um conflito logo a primeira vista. Os retratos na parede são a imagem de quem representa a sociedade, espaço esse, ao qual índios foram os primeiros a ocuparem. A segunda imagem aborda além da questão que já foi abordada em análises anteriores, questões de poder de voto.

A imagem que acompanha a matéria publicada no dia 18 de novembro de 2015 (imagem 21), mostra representantes de tribos indígenas reunidos manifestando-se contra a aprovação da PEC 215, a fotografia traz algo de diferente das demais analisadas anteriormente, ela mostra ação. Apresenta em primeiro plano um indígena armado com uma espécie de taco de madeira e em segundo um grupo de manifestantes seguindo um percurso. O semblante na face do elemento em primeiro plano passa a sensação de liderança e resistência, o que é plausível, podendo ser tido como bandeiras de luta do movimento indígena ao longo dos tempos, vislumbrando o que seria uma representação do real. Dispostos a reivindicar direitos, de modo a evitar um retrocesso e garantir a sobrevivência e os costumes culturais, os povos indígenas lutam por aquilo que lhes pertence enquanto direito originário, mas que continua sendo negado: a terra. A fotografia contém elementos que nos possibilita reconhecer o local em que foi capturada - Congresso Nacional em Brasília-, sem que seja totalmente necessário o suporte do texto.

A última fotografia a ser analisada por essa pesquisa - matéria do dia 10 de dezembro de 2015 (imagem 22) documenta o momento em que um grupo de indígenas se manifestam interrompendo o trânsito numa avenida próxima ao Planalto em Brasília, é possível ver ao lado direito parte da Esplanada dos Ministérios. A ação é uma prática muito usada por movimentos sociais na tentativa de chamar atenção da sociedade em prol de uma causa.

Através das informações na imagem pode-se entender que a via acabou de ser interditada, isso por que, ao ler os elementos da imagem é possível ver veículos ao fundo (parte superior) seguindo o fluxo normalmente. Os manifestantes usam faixas e um tipo de corrente humana- quando várias pessoas se posicionam lado a lado a fim de barrar algo, além de ser um gesto significativo-; mas também trazem armas, como o arco e flecha, bastante usado por tribos indígenas ainda nos tempos atuais. É uma imagem que traz

características de ação, observa-se isso ao olhar a posição do homem ao centro da imagem preparando um tiro com arco e flecha, e a forma como alguns elementos humanos - mulheres, crianças e adultos- estão representados no quadro da imagem, trazendo a ideia de não passividade, uma característica que pouco é apresentado nas representações fotográficas do jornal online O Globo sobre povos indígenas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Através dos assuntos retratados, foi possível identificar que apesar da superficialidade de algumas das fotografias, no sentido de não se aprofundar no assunto, surgindo apenas como meio informativo, o jornal deu um certo espaço -ainda que, de forma breve-, para que seja retratada uma causa, uma luta, que por muitas vezes foi e é silenciada. O modo como o veículo alude o tema está relacionado a teoria do enquadramento: selecionando alguns aspectos de uma realidade, moldando e veiculando, sendo importante ressaltar, que muitos veículos comunicacionais pautam tal assunto com aspectos estereotipados, nos possibilitando avaliar que há um enquadramento tendencioso.

As fotografias cumprem o papel de possibilidade de documentação do real, mas ainda não podemos afirmar que tais retratam a verdade absoluta e sim a verdade que o jornal julga ser real. O enquadramento de qualquer mídia está fortemente associado com a linha editorial do mesmo. Por mais que o fotojornalista tenha seus próprios conceitos, e sua opinião, ele vai precisar seguir o que a empresa tem definido, a “realidade” que ela quer construir e mostrar ao público.

Esteticamente falando, a qualidade imagética das duas primeiras matérias- foto documentário- são ricas esteticamente, com bons enquadramentos e composições, mas elas não contemplam as inquietações sobre o tema, que são pautas delicadas e por isso necessitariam de um olhar mais aguçado para as representações humanas e de espaços das aldeias indígenas.

A informação precisa ser passada ao público na medida certa, nem em excesso e nem em falta, mas fica nítido que o que acontece com o jornal em questão é uma ocultação de uma realidade em prol de outra. Assim, o enquadramento midiático e as teorias da imagem nos permitem pensar não apenas na fotografia ou na matéria, mas sim na sua própria construção.

## **REFERÊNCIAS**

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

CENSO DEMOGRÁFICO 2010. **Características gerais dos indígenas**. Rio de Janeiro: IBGE. 2012. Acompanha 1 CD-ROM. Disponível em:  
<[http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/95/cd\\_2010\\_indigenas\\_universo.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/95/cd_2010_indigenas_universo.pdf)> Acesso em: 22 de abr. 2016.

CHRISTOFOLETTI, Rogério; MOTTA, L.Gonzaga. **Observatórios de mídia- Olhares da cidadania**. São Paulo: Paulus, 2008. - (Coleção Comunicação).

Fundação Nacional do índio. **Por que demarcar?**. Disponível em:  
<<http://www.funai.gov.br/index.php/2014-02-07-13-25-20>>. Acesso em: 21 abr, 2016.

Fundação Nacional do índio. **Terras indígenas: o que é?**. Disponível em:  
<<http://www.funai.gov.br/index.php/nossas-acoes/demarcacao-de-terras-indigenas>>. Acesso em: 21 abr, 2016.

J3 Brasil. **Breve História do Jornal “O Globo” e o golpe de Estado de 1964**. Disponível em:  
<<http://j3brasil.blogspot.com.br/2011/01/breve-historia-do-jornal-o-globo-e-o.html?m=1>>. Acesso em: 22 abr, 2016.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. 9.ed. Campinas, SP: Papirus, 1996. - ( Coleção Ofício de Arte e Forma).

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na trama fotográfica**. 4.ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem (understanding media)**. São Paulo: Cultrix, 2007.

Memória O Globo. **29 de Julho de 1925 O Globo é lançado**. Disponível em:  
<<http://memoria.oglobo.globo.com/linha-do-tempo/o-globo-e-acute-lancedilado-9196292>> Acesso em: 22 abr, 2016.

NEMES, Ana. **175 anos de fotografia: conheça a história dessa forma de arte**. Disponível em:  
<<http://www.tecmundo.com.br/fotografia-e-design/60982-175-anos-fotografia-conheca-historia-dessa-forma-arte.htm>>. Acesso em: 20 abr, 2016.

PENA, Rodolfo F. Alves. **"Demarcação de Terras Indígenas no Brasil"**. Disponível em  
<<http://brasilescola.uol.com.br/brasil/demarcacao-terras-indigenas-no-brasil.htm>>. Acesso em 25 de abril de 2016.

RUE, Eva La. **Um pouco da história do fotojornalismo brasileiro**. Disponível em:  
<<http://www.portaldarte.com.br/fotografiabrasil.htm#meso>>. Acesso em: 20 abr, 2016.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do jornalismo Ocidental**. Florianópolis, RS: Letras Contemporâneas, 2004.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.